



RACISMO: NECROPOLÍTICA E NEOLIBERALISMO NO BRASIL

MARIA EDUARDA BARBOSA DE BARROS³

RESUMO

O presente artigo visa discutir como a necropolítica e o neoliberalismo atuam em conjunto para a perpetuação do racismo. Inicialmente será tratada sobre quem foi responsável por dar origem ao termo necropolítica, em seguida utilizando o que seria Estado e neoliberalismo; por último como necropolítica, racismo e neoliberalismo juntos penalizam pessoas pobres e negras e como essas implicações estão presentes desde a escravidão no Brasil, como essa lógica neoliberal e “quem deve morrer” se retroalimentam diariamente por técnicas usadas pelo Estado. Na metodologia foram utilizados autores que escrevem sobre os assuntos, matérias jornalísticas e dados referentes a casos de uso excessivo da força pela polícia.

Palavras-chave: racismo; necropolítica; neoliberalismo

ABSTRACT

This paper aims to discuss how necropolitics and neoliberalism act together to perpetuate racism. Initially, we will discuss who was responsible for giving origin to the term “necropolitics”, then we will use what would be State and neoliberalism; finally, how necropolitics, racism and neoliberalism together penalize poor and black people and how these implications are present since slavery in Brazil, how this neoliberal logic and “who must die” are fed back daily by techniques used by the State. In the methodology were used authors who write about the subjects, journalistic reports and data regarding cases of excessive use of force by the police.

Keywords: racism; necropolitics; neoliberalism



INTRODUÇÃO

Em seu ensaio intitulado **Necropolítica**, o filósofo camaronês Achille Mbembe escreve sobre a política de morte. Explica que a soberania viveria no poder e capacidade de dizer quem pode viver e quem deve morrer. A soberania, segundo Mbembe, exerceria o controle entre a mortalidade e definiria a vida como a implantação e manifestação de poder. A questão pode ser simples, mas não é. Trata-se de identificar quem são os corpos assassinados pelo Estado, visando manter a ordem. Mas o que é o Estado? De acordo com Almeida (2019), “[...] é uma forma política do mundo contemporâneo”(p.87) de relações econômicas capitalistas, sendo por meio desse Estado que é realizado divisões de indivíduos em classes e grupos. Complementando:

O Estado é a forma política do capitalismo, e não um mero instrumento dos capitalistas. Pode-se dizer que o Estado é de classe, mas não de uma classe, salvo em condições excepcionais e de profunda anormalidade. Em uma sociedade dividida em classes e grupos sociais, o Estado aparece como a unidade possível, em uma vinculação que se vale de mecanismos repressivos e material-ideológicos. A manutenção desse modo de vida conflituoso depende da internalização, pelos indivíduos, das condições de funcionamento da sociedade capitalista como parte da “cultura”. (ALMEIDA, p.87, 2020).

Outra questão importante é como o neoliberalismo e a necropolítica andam de mãos dadas. O porquê dessa união explica muitas das atrocidades cometidas pelo Estado em nome desse sistema que visa disciplinar e exterminar corpos. A lógica neoliberal rege a economia política, através de austeridade fiscal, sendo realizados: “o corte das fontes de financiamento dos “direitos sociais” a fim de transferir parte do orçamento público para o setor financeiro privado por meio dos juros da dívida pública.”(ALMEIDA, 2020). Os críticos fizeram o uso da palavra neoliberalismo, de acordo com Andrade (2020), de forma pejorativa, chamando de: “onda de desregulamentação dos mercados, de privatização e de desmonte do Estado de bem-estar ao redor do mundo.” A partir da década de 1990, a palavra neoliberalismo foi conceitualizada, para:

[...] um modelo de política econômica, passando a designar uma ampla série de fenômenos políticos, ideológicos, culturais e espaciais e, por fim, a própria época, convertendo-se no termo pelo qual a sociedade contemporânea se apresenta a si mesma. (ANDRADE, 2020, p. 212).

Atualmente essa é a explicação para o Neoliberalismo, que não é apenas usado no mundo econômico, sendo um sistema que modifica toda uma sociedade. Para Wacquant (2018), a adesão das classes dominantes a ideologia neoliberal, realizou mudanças na esfera do Estado, que estão ligadas à remoção do Estado econômico, desmonte do Estado social e fortalecimento do Estado penal, ou seja, com todas essas funções desativadas o Estado



passou a punir mais, condenando pessoas que não se encaixam nesse sistema.

ESTADO: NECROPODER E NEOLIBERALISMO

Necropolítica, neoliberalismo e racismo andam entrelaçados. Além disso, Almeida (2020) diz que para compreendermos como é o racismo atualmente, é necessário que falemos sobre “o processo de globalização dos mercados, privatização da economia financeira, do complexo militar pós-imperial, e tecnologias”, e como a partir disso, cria-se:

[...] um novo sujeito humano, empreendedor de si mesmo, moldável e convocado a se reconfigurar permanentemente em função dos artefatos que a época oferece”. Mbembe chama esse “novo homem” de “sujeito do mercado e da dívida, vê-se a si mesmo como um mero produto do acaso. (ALMEIDA, 2020, p.7 apud MBEMBE, 2018b, p. 16).

O incrível nessa lógica é que esse sujeito empreendedor de si mesmo é uma grande farsa. Sabe-se que os negros depois da escravidão precisaram se reinventar para sobreviver. Mas o neoliberalismo torna isso mais cruel, pois aqueles que ascendem socialmente são aqueles que têm capital e possuem o suficiente para poder conter possíveis crises, ainda tendo respaldo financeiro do Estado caso precisem. Diferentemente de um pequeno empreendedor que pode perder tudo do dia para noite. Para Wermuth e Castro (2021), a colonização europeia na América Latina consolidou uma superioridade entre brancos e negros.

Sendo assim, (...) a formação cultural, econômica, política e social dos territórios desbravados, a exemplo do Brasil, é o resultado da herança colonizadora que se encontra, ainda, inserida nos mais diversos segmentos públicos e privados.” (p.301); ou seja, encontramos essa dinâmica colonizadora em vários âmbitos da sociedade brasileira. Contudo, o racismo no período neoliberal ganhou novos formatos, tornando-se “mais um produto de consumo da mesma categoria que outros bens, objetos e mercadorias” (ALMEIDA, 2020, p. 8 apud Mbembe, 2020, p. 105). E com isso, escancarou que o colonialismo foi um modo de governamentalidade e a plantation⁴ como uma tecnologia de poder. Com isso é realizado uma diferenciação do sujeito industrial e o sujeito neoliberal feito pelo Mbembe:

[...] o primeiro é “trágico” e “alienado”, o segundo é um prisioneiro do próprio desejo, cujo gozo não mais repousa no consumo, mas “depende quase inteiramente da capacidade de reconstruir publicamente sua vida íntima e de oferecê-la no mercado como uma mercadoria passível de troca. (ALMEIDA, 2020, p.7 apud MBEMBE, 2018b, p. 16)

⁴ Foi um sistema de exploração colonial utilizado, entre os séculos XV e XIX, em colônias europeias.



Assim, explica-se como o indivíduo é visto dentro dessa prática neoliberal, principalmente o negro. Prosseguindo, “o racismo se revela cada vez mais adequado às novas formas de produção, atuando nas práticas de controle nas relações sociais capitalistas.” (CARDOSO, 2018). Sabemos que os negros foram importantes para o desenvolvimento capitalista. Com o processo de industrialização, à escravidão começou a ser vista como algo negativo, mas isso não impediu que o Brasil continuasse escravizando.

Foi no governo de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945, que se colocou em prática uma política imigratória restritiva e racista. Impedindo, com argumentos racistas, a concessão de vistos aos judeus, ciganos, negros e japoneses. Deste modo Cardoso (2018) explica que a força de trabalho de negro(a) tornou-se desnecessário, começando a compor o maior número de desempregados e indesejáveis nas cidades. Como o capitalismo atualmente opera num sistema de crise. Dando continuidade, Cardoso (2018) esclarece que:

[...] o capitalismo é violência, é genocídio e envolve variados fenômenos antinegros nos níveis estrutural, sociocultural, simbólico e físico. O capitalismo é genocida. E o que isto significa? Que essas massas sobrantes não têm lugar nem função na sociedade burguesa, e que elas precisam ser eliminadas. (CARDOSO, 2018)

O que são essas massas sobrantes? São pessoas que não conseguem emprego, não têm alimentação, nem tão pouco moradia, quando chove perdem suas casas, tiram renda de subempregos que fazem na comunidade. Uma pesquisa do IBGE em 2020 mostra que 71,2% de jovens negros (pardos e pretos) encontram-se desempregado, isso no início da pandemia de Covid-19. Outra pesquisa mostra que a chance de um jovem negro ser assassinado é 2,6 vezes maior que uma pessoa não negra, representando 77% das vítimas de homicídio, informação do Atlas da Violência de 2021. Além disso, apesar dos dados colocados no texto, recentemente houve uma chacina na Vila Cruzeiro, Rio de Janeiro, onde foram assassinados 23 pessoas.

OS ALVOS TÊM COR E ENDEREÇO

Sabe-se quem são as vítimas preferenciais dessas incursões e investigações policiais. Basta olhar para a história, tendo em vista que os corpos vilipendiados trazem um contexto social de esquecimento (marginalização). Um exemplo foi o que aconteceu em maio de 2021, a polícia do Rio de Janeiro matou 28 moradores da comunidade do Jacarezinho, sendo uma das operações mais letais. Casas foram invadidas, famílias foram ameaçadas,



o rastro de sangue percorria becos das comunidades. A política de morte é uma ordem⁵. Ou seja, essas pessoas vítimas da polícia não têm direito a vida e nem tão pouco uma investigação digna. Contudo:

(...) as práticas da violência policial se tornaram um “mal banal”. Muitas vezes também é letal - como demonstram os altos índices de mortes cometidas por policiais no Brasil - para determinadas pessoas ou tipos sociais, tanto individualmente como em grupo, nos contextos micro e macro da sociedade. É, ainda, um fenômeno marcado por preconceitos e discriminações que pode ser observado no cotidiano das atividades policiais, quando policiais se direcionam a um público específico, como é o caso da população negra, jovem, pobre e moradora das periferias da cidade (BRASIL; SANTIAGO; BRANDÃO. p. 170-71, 2020)

Sendo assim, sabemos quais são os processos passados por essa população nos grandes centros urbanos das capitais brasileiras, desde o uso de armamento pesado pela polícia nas favelas, abordagens desnecessárias e uso da força para conter esses “ditos marginais” pelo Estado. Em uma outra situação, policiais rodoviários federais (PRF) colocaram Genivaldo de Jesus Santos, 38 anos, no porta-malas da viatura, improvisando uma câmara de gás, utilizaram gás lacrimogêneo e spray de pimenta. Genivaldo acabou morrendo asfixiado. Segundo informações do sobrinho da vítima, Wallison de Jesus, o tio tinha problemas mentais e nos bolsos da calça estavam os remédios, o sobrinho tentou alertar os policiais a condição de saúde do tio, sendo ignorado.

Não é só as investidas policiais que vamos mencionar, mas o número de encarcerados nos presídios brasileiros também é um exemplo dessa violência do Estado, são os corpos marginalizados que ocupam aqueles lugares insalubres e em condições precárias. Em seu livro *Encarceramento em Massa* (2019), Juliana Borges, explica que o Brasil tem uma população prisional que cresce todos os anos, ficando em terceiro lugar. Ou seja, “(...) significa cerca de 352,6 presos para cada grupo de 100 mil habitantes.”(p.19). Ao longo do texto Borges esclarece que,

O sistema de justiça criminal tem profunda conexão com o racismo, sendo o funcionamento de suas engrenagens mais do que perpassadas por essa estrutura de opressão, mas o aparato reordenado para garantir a manutenção do racismo e, portanto, das desigualdades baseadas na hierarquização social. Além da privação de liberdade, ser encarcerado significa a negação de uma série de direitos e uma situação de aprofundamento de vulnerabilidades. Tanto o cárcere quanto o pós encarceramento significam a morte social desses indivíduos negros e negras que, dificilmente, por conta do estigma social, terão restituído o seu status, já maculado pela opressão racial em todos os campos da vida, de cidadania ou possibilidade de alcançá-la. Essa é uma das instituições mais fundamentais no processo de

⁵ Segundo matéria do Jornal Folha de São Paulo a investigação sobre o massacre no Jacarezinho dos 24 das 28 mortos foi arquivada.



genocídio contra a população negra em curso no país. (p.21, 2019)

Não obstante o processo de não humanização dos negros na sociedade brasileira, ainda são obrigados a lidar com interferências do Estado para mostrar o lugar que devem ocupar, já que não bebaram do êxtase neoliberal. E as prisões estão nisso para provar quem são os corpos que estão presentes nesses ambientes. O sociólogo francês Loïc Wacquant, comenta em seu livro, *As prisões da miséria*, o quanto a penalidade neoliberal é sedutora para países com um nível extremo de desigualdade, como é o caso do Brasil. Wacquant ainda complementa dizendo que a insegurança criminal no Brasil tem tendência a ser agravada por intervenções de ordens, serve como exemplo, o trabalho realizado nas Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), instalada em 2008 no Rio de Janeiro. Muitos pesquisadores acreditam no fracasso, mas ele serviu para estraçalhar os corpos que ali viviam, ou seja, cumpriram seu papel. Como exemplificar a socióloga, Lia de Mattos Rocha:

A violência policial, porém, reforça ainda mais as opressões e o racismo que estruturam a ordem social brasileira. Políticas públicas que promovem a militarização dos territórios de favelas e periferias são responsáveis pelos altos índices de letalidade produzidos por ações de agentes estatais, justificados pela impunidade e pela difusão de uma cultura racista e preconceituosa. (ROCHA, 2022)

Outros pesquisadores reforçam esse modo de atuação da polícia no Brasil, BRASIL; SANTIAGO e BRANDÃO (2020) ressaltando que “O recurso é usado como forma de conter, em seus “devidos lugares”, a população sobrando e descartada pelo modelo de produção destrutiva e de consumo desenfreado, em benefício da segurança patrimonial de uma elite”(p.169). Ou seja, existe essa contenção de indesejáveis nas áreas urbanizadas. Como dito, essas ações policiais reforçam o racismo em comunidades extremamente vulneráveis, a ideia de pacificação de áreas fragilizadas socialmente ressoa como um processo de higienização e silenciamento daquela população malquista no lugar. A polícia serve como processo de “recolocação” desse indivíduo em “seu devido lugar”, os indesejáveis, cumprindo o papel de disciplinar os corpos e lembrar quais lugares devem ocupar dentro da cidade.

Basta uma caminhada pela cidade do Recife para notarmos quais são os ambientes que existem mais patrulhas policiais. Um dia nos terminais integrados de Recife e região metropolitana e nos deparamos com viaturas da polícia fazendo patrulha no local, para evitar tumulto e fazer uso abusivo da força. Portanto, quem deve ser responsável pela miserabilidade presentes nesses lugares de intervenções estatais? No livro *Estado Pós-democrático*, Rubens Casara, escreve sobre o modo de agir neoliberal, que não se atém unicamente pela forma econômica, mas opera numa racionalidade que incentiva o que ele chama de “cada um por si”, onde acontece um processo de individualização do indivíduo.



No neoliberalismo há apenas mercadorias e a elas deve ser atribuído um valor de troca. O resto, aquilo que não tem o valor positivo de uma mercadoria, deve ser eliminado. Se determinadas coisas e pessoas passaram a ser descartadas, o próprio ato do descarte tanto de pessoas quanto de coisas passou a ser valorado de forma positiva (CASARA, 2017, p.40)

Então, aquele corpo que não conseguiu a redenção neoliberal deve ser eliminado da sociedade, punido pelo que não conseguiu. Uma marca dessa violência institucional é o que escreve HIRATA; ALMEIDA et al., (2022) em artigo escrito para o jornal *Le diplomatique*: Militarização à milicialização das cidades: efeitos de uma política nacional, as políticas de segurança pública no Brasil são racistas e criminalizam a pobreza. De acordo com os autores do artigo (2022): “Em 2020, 78,9% das vítimas de ações policiais eram negras. Ou seja, negros e negras têm 2,8 vezes mais chances de morrer durante uma ação policial do que pessoas brancas.” Acrescentam que esse método de intervenção tem crescido em diversos Estados brasileiros, mas no Rio de Janeiro, isso transformou-se em um grande problema. É sempre noticiado em jornais quando a polícia sobe o morro com o caveirão e são trocados tiros com supostos traficantes.

Em Pernambuco, de acordo com dados da Rede de Observatórios da Segurança, o estado teve um aumento de 52,7% de mortes causadas por policiais, esses dados são de 2019 e 2020. Um dos casos bastante emblemático foi do Victor Kawan, 17 anos, que foi assassinado por policiais militares no bairro do Sítio dos Pintos, em Dois Irmãos. Victor e um amigo estavam em uma moto, quando um carro da polícia passou por eles e pediu que parassem, assustados os garotos não pararam, como o pedido não foi atendido os dois policiais disparam, foram dez tiros, um só tiro foi necessário para acabar com os sonhos do Victor Kawan. Como diz a expressão: Atira primeiro, pergunta depois.

Mas ao perguntar depois é tarde demais. Nisso uma família se vê despedaçada. Não tem mais o filho por perto, angústia toma conta das esperanças. Permanecem num círculo sem fim em busca de respostas, nas investigações as vidas desses familiares são violados, revirados de cabeça para baixo, se falarem ou apontarem quem são os acusados podem sofrer represálias. Segundo a pesquisadora do Instituto Igarapé, Terine Husek Coelho, quando um policial é morto em serviço a chance de um morador ser punido, imediatamente, é de 1150%. “No dia seguinte, aumenta em 350%. Na semana seguinte, em 125%. São os efeitos das chamadas “operações-vingança”, termo com que foram batizadas essas operações feitas para supostamente dar uma resposta às mortes de policiais em serviço.” (APÚBLICA, 2021).

Sendo assim, a cada um policial morto, dez civis são assassinados como forma de fazer justiça. Esse processo mostra como os policiais, que representam o Estado, ganham



autonomia ao vingar a morte de seus pares, mas esse tipo de ação não visa prender e levar para julgamento. “O Estado brasileiro é uma máquina de guerra, dirigida aos jovens, negros e pobres periféricos. Há duas escolhas estatais: a morte ou a prisão.” (FERREIRA, p.735, 2018). Mesmo que a prisão seja o caminho, muitos jovens acabam por perder a vida em becos e vielas que cresceram. A violência policial em comunidades representa a lógica punitiva do estado. E esses corpos marginalizados e segregados em comunidades vulneráveis são os mais violados em todos os aspectos possíveis.

CONCLUSÃO

Por fim, quero esclarecer que a violência perpetrada pelo Estado, que integra esse capitalismo selvagem, visualiza o sujeito apenas como objeto de manutenção do sistema, excluindo e exterminando os indesejáveis, aqueles que não foram capazes de conseguir por conta própria serem seus chefes, nem tão pouco beberem do êxtase da liberdade individual, essa tão empregada como forma de ascensão tão empregada no neoliberalismo, também integrando essa lógica de Estado, o racismo, tendo em vista que negros e negras foram jogados à sua própria sorte. Não tiveram direito à terra como os estrangeiros trazidos por Vargas. Ou seja, além de serem contidos em seus locais de moradia, favelas, ainda são jogados na prisão para que se mantenha a ordem nas cidades. O medo que a cidade seja tomada por desocupados. Nem direito de ser visto como gente, pessoas, humanos. A cada desumanização e violação de corpos negros que são cometidos diariamente, basta olhar os genocídio perpetrado nas favelas no Brasil. O grande número de pessoas negras encarceradas nas prisões brasileiras, sistema esse que é inebriado em políticas repressivas americanas. É com essa junção de necropolítica, neoliberalismo e racismo que o capitalismo massacra os indesejáveis. Na canção regrava pela Elza Soares, A carne, do álbum: Do cóccix até o pescoço no ano 2002: “A carne mais barata do mercado é a carne negra(...) Que vai de graça pro presídio, e para debaixo do plástico, que vai de graça pro subemprego e pros hospitais psiquiátricos.” São esses corpos que são descartáveis, são eles que são matáveis. O tiro tem destino, caminho e corpo.

À vista disso, como explica a pesquisadora e advogada, Júlia Leite Valente, em seu livro UPPS: Governo militarizado e a ideia de pacificação, fruto da dissertação de Mestrado, diz que:

Uma permanência na história do Brasil é a resposta militarizada e violenta que se dá a quem insurge contra a ordem, seja através de insurgência pela prática revolucionária, seja pela prática criminosa, seja por não enquadrar no ideal estético, cultural e econômico que se quer impor à sociedade (2016, p. 63)



Em outras palavras, o Estado sempre vai impor à ordem, mediante ao uso da força nessas comunidades, tudo isso para que o ideal de cidade seja mantido. Mesmo que para isso seja preciso exterminar pessoas negras e periféricas. Aquelas que estão sempre em situações vulneráveis. Ao longo da história brasileira esse processo sempre foi violento e não há padrão para que isso mude, por mais apontamentos que sejam feitos por diversos moradores de comunidades e pesquisadores universitários. A violência perpassa a história de famílias periféricas e com esse padrão de mudança por conta do capitalismo, isso tende a piorar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. NECROPOLÍTICA E NEOLIBERALISMO. Caderno CRH, [S. l.], v. 34, 2021. DOI: 10.9771/ccrh.v34i0.45397. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/45397>>. Acesso em: 26 maio. 2022.

_____. Racismo Estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

ANDRADE, D. P. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. Sociedade e Estado, [S. l.], v. 34, n. 01, p. 211-239, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/23920>>. Acesso em: 26 maio. 2022.

BORGES, Juliana. Encarceramento em Massa. São Paulo, Editora Jandaíra, 2019.

BARROS, Ciro. “Alguém mata um policial, a polícia mata mais. É um ciclo”, diz pesquisadora. APÚBLICA. Disponível: <<https://apublica.org/2021/11/algue-mata-um-policial-a-policia-mata-mais-e-um-ciclo-diz-pesquisadora/>> Acesso em: 16 set. 2022

OLIVEIRA, Flávia. O extermínio de jovens negros é projeto do governo do Rio. O GLOBO. Rio de Janeiro. Disponível: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/flavia-oliveira/post/2022/05/o-extermio-de-jovens-negros-e-projeto-do-governo-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 15 abr. 2022

BARBON, Júlia. Investigação de massacre no jacarezinho (RJ) chega ao fim com 24 das 28 mortes arquivadas. FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/investigacao-de-massacre-no-jacarezinho-rj-chega-quase-ao-fim-com-24-das-28-mortes-arquivadas.shtml>>. Acesso em: 8 agosto.2022



CARDOSO, F. RACISMO E NECROPOLÍTICA: a lógica do genocídio de negros e negras no Brasil contemporâneo. *Revista de Políticas Públicas*, [S. l.], v. 22, p. 949-968, 2018. Disponível em: <<http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/9828>>. Acesso em: 26 maio. 2022.

FERREIRA, Carolina Costa. Vozes de uma dor sem nome: necropolítica e maternidade no Brasil. *Revista Direito e Práxis* [online]. 2020, v. 11, n. 01, pp. 732-738. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2179-8966/2019/44821>> . Acesso em 25 set. 2022.

G1. Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas; grupo representa 77% das vítimas de homicídio. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml>>. Acesso em: 26 maio. 2022

G1. PE tem maior aumento entre sete estados de pessoas assassinadas em ações policiais; 97% dos mortos são negros, diz estudo. Disponível: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/12/14/pernambuco-tem-maior>

-aumento-entre-sete-estados-de-pessoas-assassinadas-em-acoes-policiais-97percent-dos-mortos-sao-negros-diz-estudo.ghtml. Acesso em: 16 set.2022

G1. Caso Genivaldo: entenda a ordem dos fatos que levaram homem à morte em abordagem da PRF. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/27/caso-genivaldo-entenda-ordem-dos-fatos-que-levaram-homem-a-morte-em-abordagem-da-prf.ghtml>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

G1. Operação no Jacarezinho deixa 28 mortos, provoca intenso tiroteio e tem fuga de bandidos. Disponível: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/tiroteio-deixa-feridos-no-jacarezinho.ghtml>> Acesso em: Acesso abr. 2022.

HIRATA, Daniel; ALMEIDA, Jordana et al; Da militarização à milicialização das cidades: efeitos de uma política nacional. *Le Monde Diplomatique*. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/da-militarizacao-a-milicializacao-das-cidades-efeitos-de-uma-politica-nacional/>>. Acesso em: 10 de set.2022

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018

_____. *Políticas de Inimizades*. Portugal: Antígona, 2017

ROCHA, Lia de Mattos. *Rio: violência policial, UPPs e racismo*. Disponível: <<https://>



racismoambiental.net.br/2022/02/03/rio-violencia-policial-upps-e-racismo/>. Acesso em: 3 set. 2022.

VALENTE, Júlia Leite. UPPS: Governo militarizado e a ideia de pacificação. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2016.

Valor Econômico: Desemprego entre negros é 71% maior do que entre brancos, mostra IBGE Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/08/28/desemprego-entre-negros-e-71percent-maior-do-que-entre-brancos-mostra-ibge.ghtml>> Acesso em: 26 maio. 2022

WACQUANT, Loic. As duas faces do gueto. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. As prisões da miséria. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi; CASTRO, André Giovane de. BIOPOLÍTICA, RACISMO E VIDA NUA: QUANDO O SOL NÃO NASCE PARA TODOS. Quaestio Iuris vol.14,nº.01, Rio de Janeiro,2021. pp.291-321 DOI: 10.12957/rqi.2021.50843. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris/article/viewFile/50843/37352>>. Acesso em: 25 set. 2022.